

Escrita acadêmica, divã e processos de subjetivação

Elzira Yoko UYENO

euyeno@uol.com.br

Unitau

Introdução

A relação estabelecida entre a atividade da escrita acadêmica e a terapia analítica constitui o objeto deste estudo. A atribuição à terapia analítica fonte da interdição de sua atividade de escrita por um colega e professor que desempenhava a função de redator de um artigo semanal pareceu transpor os limites da mera lamentação. A posterior ratificação dessa atribuição por uma mestrandia em Linguística Aplicada em fase de redação de dissertação deflagrou o presente estudo.

O corpus de pesquisa constituiu-se de depoimentos de um professor e de dois mestrandos que revelaram se encontrar impedidos de escrever, depois que passaram a se submeter a sessões de terapia analítica.

1. A escrita em Foucault: do labor da morte ao labor do ressuscitamento

A postulação do desvanecimento do sujeito autor na sua própria escrita (1992) e da extensão desse desvanecimento aos autores que se citam (1996) tornou Foucault conhecido como o postulante do labor da escrita como um labor da morte. Imputar à regra imanente da escrita o desaparecimento do sujeito que escreve, obliterando qualquer possibilidade de individualidade, celebrizou-o como o promulgador da morte do autor.

A sua análise, ainda, sistemas legais institucionais que circunscrevem, determinam e articulam o domínio dos discursos imputam àquele que escreve a função-autor, cujo labor se caracteriza por “caracterizar a existência, a circulação e a operatividade de certos discursos numa dada sociedade” (Foucault, 1992, p.34). Seus estudos dessa fase renderam a Foucault a acusação de ter sido “um pensador do tecnocratismo, que fazia da sociedade e de nosso pensamento uma máquina definida por funcionamentos anônimos inelutáveis” (Ranciére, 2004).

Deslocando-se, em seus estudos ulteriores, da preocupação de como se produz o indivíduo para a preocupação em analisar as formas pelas quais o sujeito tem acesso à decifração de si (1993) e faz de si o que efetivamente (2004) é, Foucault confere ao estatuto do autor uma dimensão hermenêutica do sujeito que escreve.

Pesquisando os dispositivos de engendramento histórico do sujeito, Foucault descobre que é pela via da confissão, com seu postulado implícito, segundo o qual o outro detém as chaves do sentido do que se confessa, que as estratégias de poder e de saber vão investir os corpos de concupiscência ou de sexualidade, com o objetivo de extorquir a verdade. Entretanto, por um efeito performativo que é peculiar à confissão, o discurso de verdade revelou-se adquirir efeito não em quem o recebe, mas naquele de quem ele é extorquido. A economia desse dispositivo, assim, completa-se nesse duplo efeito: confessa-se a outrem e, dado o seu caráter pletórico, o enunciado confessado transborda a si e revela aspectos não pretendidos pelo confessando. É por essa razão que, a partir do século XIX, a confissão não tende mais a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, mas também daquilo que se esconde ao próprio sujeito e só se revela, progressivamente, por meio de uma confissão. É por essa razão que se pode afirmar que a confissão permite o acesso à subjetivação.

Esse modo de funcionamento da confissão parece explicar a máxima lacaniana de que o inconsciente é constituído de uma cadeia de significantes sobre os quais não se tem controle, cadeia essa que se revela na aplicação do método psicanalítico da “associação livre”, inventado por Freud, e que permite ao analista o procedimento da direção da cura.

Para além da postulação da decifração de si permitida pela economia dos dispositivos da confissão e do engendramento do sujeito pela escrita de si, Foucault reconhece, a partir de sua própria experiência com a escrita, uma espessura, uma consistência, uma opacidade, com suas

leis próprias as quais permitiram “descobrir em volta das palavras, das frases, de repente, pontos de vista que não apareciam até então” (1996).

3. A escrita em Pêcheux e Lacan: de mera materialidade lingüística a suplência de significante

Esse ressuscitamento do sujeito que escreve pelo ato de escrever, reconhecido por Foucault, encontra compartilhamento na incorporação pela Análise do Discurso de perspectiva francesa da tese milneriana (MILNER, 1987) de inspiração lacaniana da alíngua (LACAN, 1998).

Pêcheux (1990, p. 50) defende, na sua terceira fase de construção teórica, a necessidade do “reconhecimento de um real específico sobre o qual ela (a língua) se instala: o real da língua”. Pêcheux e Gadet (2004, p.52) assumem a alíngua como “aquilo pelo qual, com um só e mesmo movimento, há língua (...) e inconsciente”. Sua figuração mais direta, segundo Milner (op.cit.), é a língua materna. Embora Milner (op. cit. p. 25) considere que a poesia seja a forma mais acabada da alíngua, não deixa de reconhecer que ela ocorre em qualquer forma de escrita em sua afirmação de que “alguma coisa não cessa de não se escrever aí, e em todas as formas discursivas relacionadas à alíngua, esta alguma coisa exerce uma ação”.

Nas próprias palavras de Milner (op. cit., p.15), a

Alíngua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco. Ela se faz substância, matéria possível para os fantasmas, conjunto inconsistente de lugares para o desejo: a língua é, então, o que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no domínio das palavras, fale

Embora a fala se preste melhor à manifestação da alíngua, o escrito (da ordem do singificante) revela a letra do autor a qual circula em torno de furos de sentido, formações do inconsciente, sintomas como o ato falho e o chiste, apontando o lugar do sujeito autor do texto. Daí se poder dizer que o “significante é, por oposição à letra, algo representável, signo da representação” (BERGÈS e BALBO, 2004, p.57); a letra como o lugar do furo é irrepresentável, porque “toda a alíngua não pode ser dita, em qualquer língua que seja”(PÊCHEUX E GADET, op. cit.). “A escrita é um processo sublimatório que visa, a princípio, apaziguar a angústia da dor de existir” (NAZAR, 2006, p.159). Por outro lado, por se aproximar da letra, a tarefa de redigir pode se constituir no lugar da angústia que, localizando-se entre o desejo e o gozo, cumpre o papel de sustento do desejo, evitando o gozo, entendido como algo para além do princípio do prazer e, como tal, indomesticável (UYENO, 2007). Isso ocorre porque, quando “o sujeito deseja com fervor algo, mas, diante da ameaça do cumprimento efetivo do desejo, a angústia não tarda em aparecer: o desejo chegou a um terreno em que a aproximação ao, e do gozo é insuportável” (HARARI,1997, p.98).

Por pressupor sempre um referente que pode ser a autoridade, a voz, o sujeito, a fala nos introduz, de imediato, num mundo que é o da divisão subjetiva. O escrito, entretanto, constitui um continuum com a propriedade singular de não se saber de onde é emitido, de onde se secreta. “O escrito, diferentemente da fala, isto é, do significante, impõe-se não como o semblante, mas como justamente a coisa mesma. Isto é, com o peso de um imperativo que fala alguma, por mais autoritária que seja, pode fazer valer” (Melman, 2004, p.142).

Certamente, é essa percepção que levou Blanchot, na obra “O livro por vir” a distinguir os atos de publicar e de escrever, atribuindo ao de escrever uma carga de sofrimento e renúncia que chegava às raias de um atentado à facilidade, o que suscita, em certa medida, recusar-se a escrever.

Análise do corpus

Transcreve-se, abaixo, um excerto de discurso proferido por uma mestrandia em fase de escrita da dissertação:

Orientadora: *MI/ você ficou de me enviar uma parte/ mas não a recebi//*

Mestranda 1: Não estou conseguindo escrever//

Orientadora: *Como assim?*

Mestranda 1: Está sendo mais forte do que eu/ não consigo mais descrever//

Orientadora: *Me explique melhor.*

Mestranda 1: Eu tive/estou tendo uns problemas e fui fazer análise//

Acho que é isso/ foi depois que eu comecei a análise/ estou sentindo que não consigo mais escrever.

Orientadora: *E aí/ como você está?/ Escreveu?*

Mestranda 1: Não// É estranho//Eu gostava de escrever/ não entendo. Sempre escrevi muito sobre mim/ sobre o que eu sentia/ sobre o que me acontecia// Com a análise, fui descobrindo um lado de mim que eu não conhecia/

Considerações finais

Os resultados da análise do corpus levaram à conclusão de que a relação entre a escrita e a terapia tem explicação na economia dos dispositivos da confissão e da escrita de si e na admissão da alíngua, de um real da língua dos estudos ulteriores, respectivamente, de Foucault e de Pêcheux. Mais especificamente, os resultados da análise revelaram que o impedimento enunciado não se deve ao temor da obliteração da individualidade no labor da morte que é o labor da escrita, postulado por Foucault em sua perspectiva primeira; mas deve-se à espessura da escrita que desvela aspectos que se escondem a ela, admitida por Foucault em sua própria experiência com a escrita, e ao caráter de suplência do trabalho delirante pela significação atribuído à escrita por Lacan.

Referências bibliográficas

- BERGÈS, Jean e BALBO, Gabriel. A letra e o significante. In. MELMAN, Charles et al. **O significante, a letra e o objeto**. Rio de Janeiro: Editora Cia de Freud. 2004
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: vontade de saber*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Graal, 1993.
- O que é um autor. In: **O que é um autor**. Lisboa: Editora Passagens, 1992.
- **A palavra nua de Foucault**. Entrevista concedida a Claude Bonnefoy, em 1969, publicada originalmente no jornal Le Monde. Traduzida por Clara Allain. In: Folha de São Paulo de 22 de Novembro de 2004.
- GADET, Françoise e PECHEUX, Michel. O Real da Língua é o impossível. In. GADET, F. e PECHEUX, M.. **A Língua inatingível, o discurso na história da lingüística**. Campinas: Pontes, 2004.
- HARARI, Roberto. *O Seminário A Angústia de Lacan, uma introdução*. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1997
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- MELMAN, Charles. A fobia da Escrita. In. MELMAN, Charles et al. **O significante, a letra e o objeto**. Rio de Janeiro: Editora Cia de Freud. 2004
- MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.
- NAZAR, Tereza. O Escrito da Escrita. In MARIANI, Betânia (org.) **A Escrita e os Escritos**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006 (159-174).
- PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou Acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 1990.
- UYENO, Elzira Y. O mal-estar da escrita: para além do letramento acadêmico, um desejo do Outro. In. **VII Congresso Latinoamericano de Estudos del Discurso, horizontes de sentido**. Bogotá, 2007.